

António Osório

O CONCERTO
INTERIOR

evocações de um poeta

ASSÍRIO & ALVIM

UMA VIDA

O título devia ser «Breve Autobiografia». Só que as dezenas de pessoas, de parentes, animais, bichos, árvores, trabalhadores rurais, que estão dentro dele, disseram já muito do que tinham a dizer; na maioria dos casos, até lhes sabemos o nome de baptismo. Mais, o «personagem» central, esse é bem reconhecível, desde o primeiro livro.

Afectuoso, discreto, entregue à busca do essencial, tantas vezes indignado (com razão), amando a poesia, a pintura e a música, procurando a luz fraterna... Não é difícil avistá-lo ao longe.

De memória em memória, estão os segredos cuja confissão é possível e naturalmente grata. As confidências sobre os pais, a coabitação, nem sempre fácil, de duas terras e culturas que me transmitiram, o amor pelos outros, a suma beleza da poesia, a sua procura, tudo isto trouxe de volta fundas alegrias, que tentam afastar a velhice funesta. Não só os pais, outros parentes me deixaram a sua bondade, Maria Valupi, os tios António e Henrique, os amigos Cristovam Pavia, Sebastião da Gama, Mário Botas, Carlo Vittorio Cattaneo e os contemporâneos Carlos Nejar, Eugénio Lisboa e Luís Amaro. E ainda o fascínio por Lisboa, Florença e Roma, Paris, Madrid e Barcelona, Londres, o Rio de Janeiro e, claro, Setúbal, a querida cidade onde os olhos nasceram.

Em Vozes Íntimas (2008), um livro de memórias, evoco algumas das pessoas que mais admirei. Mas havia outros segredos e vivências (as más, e são muitas, deixei-as à porta do Inferno). Os dois livros completam-se, tendo este como fio condutor a própria existência. Claro que não disse tudo: nem sobre prêmios ou homenagens, nem sobre encontros internacionais ou traduções da minha obra. Preferi colocar em frente a discrição. Fui sempre assim.

As recordações são aqui acompanhadas de poemas. Não se trata de uma antologia — a poesia procurou sempre tornar mais clara a minha vida, e a prosa revela a verdade dos versos e das pessoas invocadas. As duas, lado a lado, buscam o encanto de caminharem juntas e de se completarem.

O mistério da existência — procurei-o sempre descobrir ao longo da vida — é o das quatro estações. Porque será que a velha glicínia segue o ritmo das jovens roseiras, essas lindas raparigas? E porque luzem na hora certa, como as constelações? De tudo resulta um concerto interior, preenchendo a alma e tornando-a digna de voltar.